

educação

Os doutores do campo

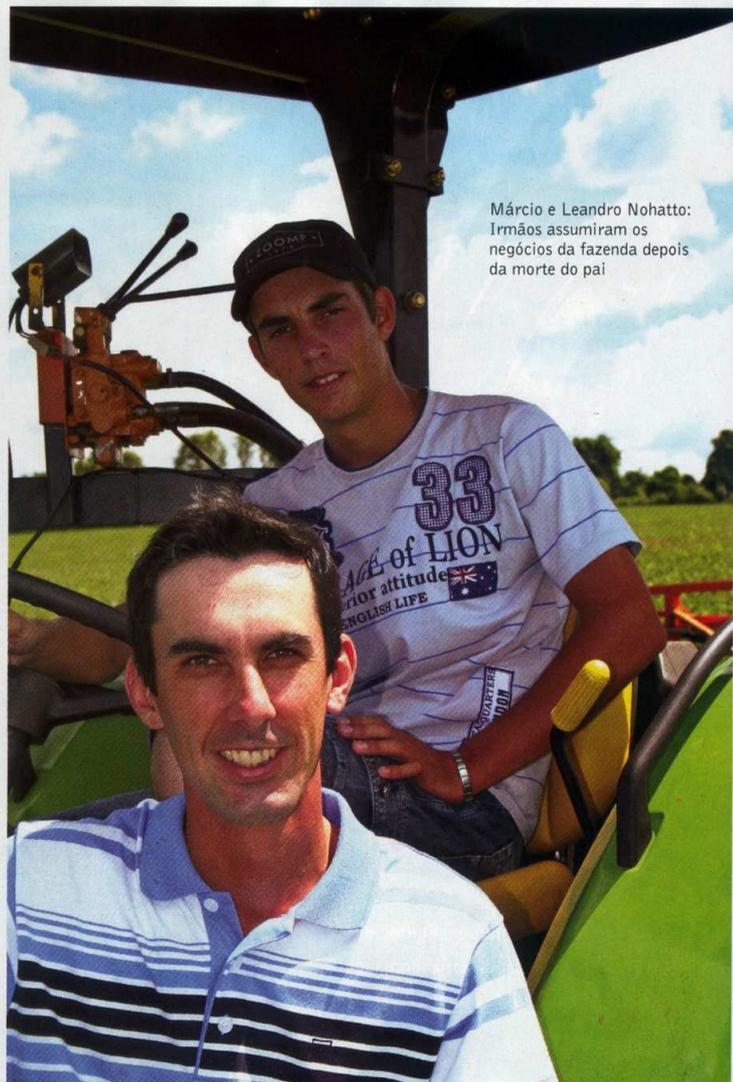
Jovens universitários voltam às origens para transformar a propriedade rural em verdadeira empresa

Adair Sobczak

O sonho de ingressar em um curso superior tem se tornado realidade para muitos jovens, filhos de agricultores. No entanto, o que deveria ser o significado de uma revolução educacional no campo, acaba na maioria das vezes, tornando-se uma porta para o êxodo rural. Um dos motivos seria a falta de estímulo ao empreendedorismo, principalmente nos cursos voltados ao agronegócio, cujas grades curriculares, segundo muitos baicharéis, estão voltadas à formação de ‘empregados de grandes empresas’ e não empresários rurais.

No entanto, a vocação e o amor pela terra têm gerado um movimento de volta às origens, pois muitos sabem que, embora “doutores”, isto não significa a garantia de um emprego bem sucedido. Assim, há profissionais retornando ao berço familiar e transformando a propriedade rural numa verdadeira empresa.

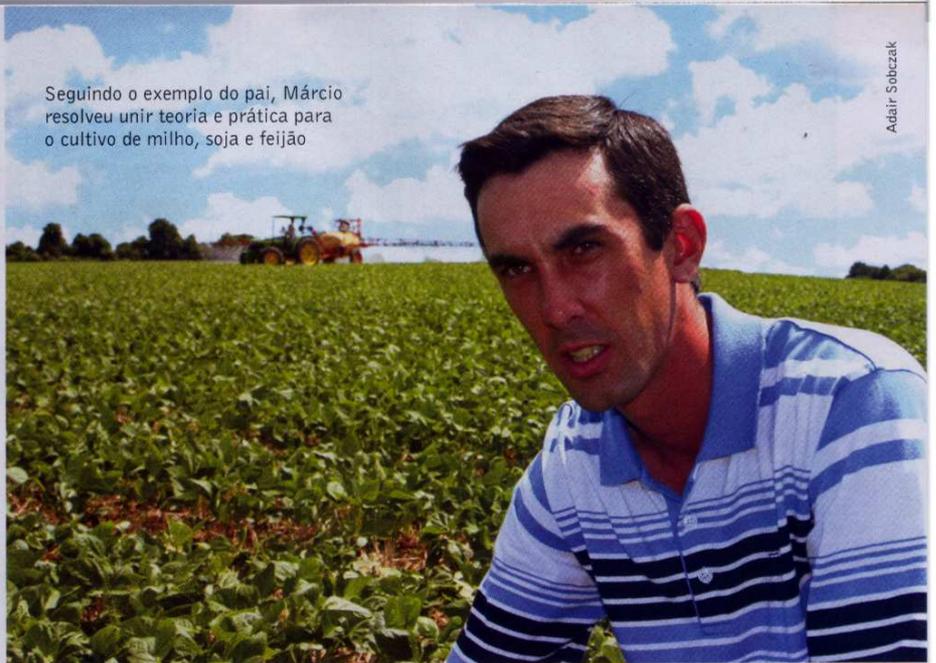
De acordo com o professor e coordenador do estágio curricular do curso de Agronomia da Universidade de Passo Fundo, UPF, no Rio Grande do Sul, João Luiz Reichert, a agricultura brasileira passa por uma revolução que



Márcio e Leandro Nohatto:
Irmãos assumiram os
negócios da fazenda depois
da morte do pai

Adair Sobczak

Seguindo o exemplo do pai, Márcio resolveu unir teoria e prática para o cultivo de milho, soja e feijão



é a antítese de uma frase do passado: se você não estudar, ficará na roça.

“Atualmente, se você quiser trabalhar na lavoura terá que estudar. Isto mostra que as mudanças estão começando nas faculdades de Agronomia, em que muitos filhos de agricultores estão buscando uma formação superior visando a sucessão familiar nas propriedades”, revela Reichert.

“O agrônomo produtor precisa estar constantemente atualizado sobre novas técnicas de produção e gestão da propriedade, o que normalmente não se vê na grande maioria destes profissionais, muitas vezes pelo comodismo ou pelos custos da atualização”, diz.

Apoio – Em 2006, Márcio José Nohatto se formou em agronomia e retornou a propriedade da família em Campos Novos, Santa Catarina, onde junto com o pai passou a tomar conta de 320 hectares cultivados com milho, soja e feijão.

“Fiz Agronomia porque sou filho de agricultores e gosto da atividade. Não me vejo fazendo outra coisa”, comenta Nohatto, de 26 anos de idade.

Com a perda do pai, no início de 2009, caiu sobre seus ombros a responsabilidade de tocar a propriedade,

do”, explica o jovem produtor.

“Quando a situação aperta, a gente pede ajuda para a assistência técnica da cooperativa, das empresas da área e outros colegas”, complementa o irmão Leandro, que atualmente cursa Administração de Empresas com o objetivo de ficar no campo e ajudar nos negócios.

Segundo os irmãos Nohatto, independente da área, o investimento no campo é mais rentável do que trabalhar de empregado.

“É muito mais vantajoso trabalhar no que é da gente, pois tudo o que se faz, soma para benefício de nossa

tude e se profissionalize nas áreas em que a propriedade atua ou em áreas potenciais que possam ser exploradas.

“Tem que direcionar os estudos para o que a propriedade necessita, pois se ficar só na teoria, você fracassa, e se ficar só na prática, fracassa também. Por isso, é importante aliar os dois conhecimentos”, orienta Nohatto, que ainda critica o fato de que, hoje, as universidades formam os alunos para serem ‘funcionários de multinacionais’ e não para serem empreendedores.

“As universidades deveriam dar mais ênfase ao empreendedorismo para que os alunos transformem suas

“

Durante a faculdade, é importante que o aluno estude e se profissionalize nas áreas em que a propriedade atua ou em áreas potenciais que possam ser exploradas

”

contando com o apoio da mãe e do irmão Leandro, de 18 anos.

“Meu pai sempre quis que eu trabalhasse em casa, então assumi os negócios. No começo não foi fácil, era muita responsabilidade, mas como eu e meu pai sempre conversávamos muito, buscando aliar a teoria à prática, ficou mais fácil e devagarzinho, com o dia a dia, fui aprenden-

do”, resalta Márcio Nohatto, revelando que apenas com o controle individual por talhão que passou a fazer, já aumentou em 10% a rentabilidade, e que mesmo em uma pequena propriedade, há a possibilidade de diversificar as atividades e aumentar a rentabilidade.

Por isso, segundo ele, durante a faculdade é importante que o aluno es-

propriedades em empresas, pois isso gera emprego, renda e mais produção de alimentos”, aponta.

Extensionistas – Na opinião do professor da UPF, João Luiz Reichert, no Brasil, não há uma formação adequada por parte das escolas de Agronomia para profissionais destinados a gerenciar a propriedade familiar.

“Formam-se muitos ‘extensionis-

tas' visando ensinar os outros produtores, mas aquele profissional preparado para lidar com a sua propriedade, inexistente. A formação da grande maioria das escolas de Agronomia é preparar um profissional para o mercado de trabalho, destinando-o como empregado da cooperativa, multinacionais, órgãos de pesquisas e poucas vezes se vê a formação visando um profissional empreendedor e liberal, preparado para atu-



Adair Sobczak

Poliana viajou o mundo em busca de qualificação científica

ar como autônomo", revela Reichert.

Na opinião do doutor e coordenador do curso de Engenharia Agrônômica da Esalq/USP, Ricardo Victoria Filho, é extremamente importante a formação superior dos universitários cujos pais tenham atuação no meio rural.

"Eles poderiam contribuir para que o agronegócio dos pais tenha sucesso e seja sustentável", afirma, apontando que a volta destes profissionais ao campo depende do sucesso do agronegócio.

EXEMPLO

Estudante largou a mordomia para ajudar a família no campo

Aos 15 anos de idade, Poliana Francescatto largou a mordomia da cidade e foi morar com a família em um pequeno sítio no interior de Friburgo, SC.

"Até então, não imaginava o que era Agronomia", revela a moça.

Seu primeiro curso superior foi Ciências da Computação, pois na época, era o que estava a seu alcance.

"Meus colegas me questionavam por que eu não estava cursando Engenharia Agrônômica. O contato com o campo me fez repensar o futuro, então larguei o curso e logo depois entrei em Agronomia", explica Poliana.

O fato de a família trabalhar com a fruticultura fez com que a jovem direcionasse sua formação para a área de pós-colheita e pesquisa.

"No estágio final do curso, meu orientador conseguiu para mim uma vaga de seis meses no departamento de pós-colheita em hortifruticultura da Massey University na Nova Zelândia, onde tive a oportunidade de prosseguir meu estágio por mais seis meses na HortResearch – uma empresa de pesquisa do país – trabalhando na área de melhoramento de frutíferas", comenta Poliana.

No final de 2005, a jovem, com a bagagem cheia de conhecimento, retorna ao Brasil e se forma em Agronomia. Mas, a busca pela qualificação científica fez com que ela retornasse à Nova Zelândia, onde trabalhou por mais cinco meses com a intenção de continuar seus estudos.

"Porém, lá a bolsa de mestrado só era fornecida

para os brasileiros que morassem no Brasil e que tivessem seus projetos voltados ao desenvolvimento de seu País, então retornei e acabei ingressando no mestrado em Fruticultura de Clima Temperado em uma Universidade Federal no Brasil, onde conclui em meados de 2009", relata Poliana.

Currículo – Engana-se quem pensa que com um currículo desse a vaga de emprego e um excelente salário estariam garantidos.

"Todos me diziam que, com o meu currículo, arranjaria trabalho facilmente: engano. Como foquei meus estudos em pesquisa, minhas alternativas seriam a pesquisa, que era meu foco principal, a docência ou uma multinacional", explica Poliana.

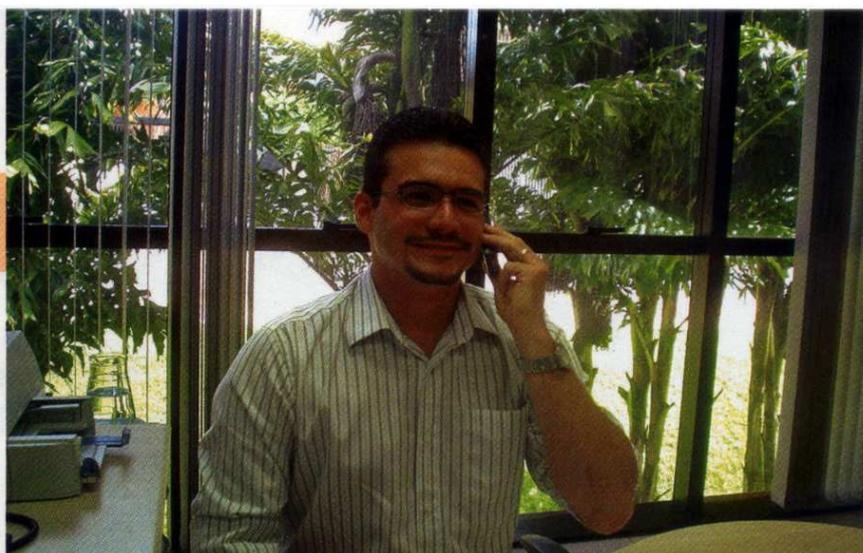
Segundo ela, para atuar na docência, é imprescindível o doutorado. Já na pesquisa, há a necessidade de abertura de concursos voltados à fruticultura ou então a contratação por parte de alguma grande empresa que trabalhe na área de pesquisa e desenvolvimento.

"O campo de trabalho na minha situação torna-se um pouco restrito, porque ao sair de um ambiente científico mais profundo, fica difícil a competição por uma vaga em empresas privadas, já que estas possuem seus quadros fechados, ou então, exigem experiência na área de campo, onde eu teria que concorrer com agrônomos recém formados e já empregados em função de seus estágios – funcionários moldados –, assim, decidi retornar para casa. Quando

Clodoaldo do Senar: "Através do conhecimento é que poderemos melhorar a produtividade e a rentabilidade no campo"

"Hoje, a margem de lucro é estreita e necessita do uso de tecnologias adequadas", enfatiza o coordenador.

Segundo ele, a Esalq está aprimorando as informações com relação ao empreendedorismo, tendo em vista que grande parte do mercado de trabalho do Engenheiro Agrônomo envolve uma atuação autônoma.



Senar/MS

"Estamos ampliando esse tema na matriz curricular do curso. Mas o retorno do profissional para o campo depende do sucesso do agronegócio e da sua sustentabilidade", reafirma Dr. Ricardo. **PR**

cheguei, olhei para meu pai e disse: 'Pai, está chegando um novo peão para o sítio', comenta Poliana.

Segundo ela, seu currículo foi deixado em uma agência de empregos e, mesmo morando na maior região produtora de maçã do Brasil, ninguém a procurou.

"Tenho ajudado minha família na gestão e no incremento tecnológico da propriedade, pois como tenho contato com empresas de extensão rural e fornecedoras de produtos consigo antecipar as novidades", aponta a especialista.

Na propriedade da família são cultivados 2,5 hectares de maçã, 1,4 hectares de ameixa e 0,7 hectares de nectarina.

"Voltar para casa foi a melhor experiência em prática técnica que já tive e não me arrependo em nada do que fiz. Faria tudo novamente", ressalta.

Dificuldades – De acordo com Poliana, uma das dificuldades enfrentadas pelos jovens que saem do campo em busca de formação é a falta de uma orientação pré-universitária, pois muitos iniciam um curso e acabam abandonando-o, porque não sabem ao certo o que querem.

"Durante minha graduação, nenhum dos meus professores me incentivou a concluir o curso e voltar ao campo e constituir a minha própria empresa. Se houvesse mais incentivo por parte das universidades teríamos menos 'jovens doutores' abandonando o meio rural. Hoje, em qualquer ramo da agricultura em que você investir há um retorno. Mas é preciso bastante pesquisa de mercado e qualidade de produção, assim, o negócio é muito mais rentável que trabalhar de empregado", revela.

Para os 'filhos de campo' que vão entrar, ou já este-

jam cursando uma faculdade, independente do curso, Poliana orienta para que estudem bastante, sejam curiosos no que o curso oferece, façam estágios em várias áreas, sempre buscando novos conhecimentos, nunca tenham 100% de certeza e que, continuamente, busquem o aprimoramento.

"Tenho prazer em trabalhar com o meio rural, jamais me arrependi de ter feito Agronomia e ter voltado para casa", finaliza.

Para o superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, Senar, do Mato Grosso do Sul, Clodoaldo Martins Junior, a formação superior para os jovens no campo traz oportunidades de desenvolvimento, aperfeiçoamento e o crescimento sustentável das propriedades rurais.

"Nos últimos anos houve um aumento na busca de informações por parte dos produtores e trabalhadores rurais no Estado. O Programa Empreendedor Rural, nos últimos três anos, capacitou aproximadamente mil novos empreendedores", comemora. Segundo ele, as universidades possuem um papel de extrema importância na formação dos futuros profissionais do agronegócio.

"Aliado a isso, o Senar trabalha no aperfeiçoamento da mão de obra no campo e na consolidação dos conhecimentos tácitos – adquiridos no dia a dia nas propriedades. No Senar/MS, em 2009, participaram por volta de 48 mil pessoas em 1800 cursos, palestras e seminários", revela Martins.

"Através do conhecimento é que poderemos melhorar a produtividade e a rentabilidade no campo", conclui. **PR**